

# “SEMELHANTE A UM GRANDE CAMALEÃO”: TRÂNSITOS DO FILHO DE UM CORONEL NO GRADIENTE RACIAL BRASILEIRO DO SÉCULO XX

Diego Lino Silva<sup>1</sup>

## Resumo

A circulação de sentidos raciais entre os setores dominantes em Feira de Santana, interior da Bahia, compõe o pano de fundo temático do trabalho. Objetiva-se analisar os sentidos raciais que marcaram a trajetória de um homem negro que fez parte da classe mais abastada da cidade e que teve, assim como outros pretos e pardos, sua condição racial marcada por algumas tensões, apesar da posição social. A partir da trajetória do Dr. E. F. da M. foi possível analisar os efeitos dos regimes de significados depositados sobre os corpos das pessoas “de cor”, bem como as múltiplas relações de poder que atravessam a circulação desses significados. Cartas familiares e publicações em importantes periódicos locais sinalizaram a mímica como tática de trânsito entre os gradientes e, principalmente, as hierarquias raciais existentes no período. Ao mesmo tempo, apontaram para uma condição racial negra marcada pela vulnerabilidade aos regimes semânticos de subordinação que circulavam no período.

**Palavras-chave:** Racialização. Poder. Mímica colonial.

## Introdução

Já faz algum tempo desde que a população negra passou a ocupar os escritos e as investigações de historiadores, antropólogos, sociólogos. Desde então, algumas importantes contribuições têm sinalizado para percepções específicas sobre as relações raciais. Aqui, nos atentamos especificamente à forma como algumas plasticidades passaram a ser atribuídas a condição racial por aqueles que investigaram a temática.

Giovana Xavier (2012), escrevendo uma História Social da Beleza Negra nos Estados Unidos entre os anos 1890 e 1930, aponta para um regime de variação cromática que foi fundamental para a construção dos referentes que instituíram padrões normatizadores sobre a beleza não branca. Ao pensar sociedades racializadas, a autora recorre a alguns conceitos muito importantes para sistematizar as variações cromáticas que existiam no interior da dicotomia negro/branco. Entre eles, o colorismo, isto é, a premissa de que existem hierarquias

---

<sup>1</sup> Licenciado e Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor da Rede Estadual do Maranhão. E-mail: [historia.lino@gmail.com](mailto:historia.lino@gmail.com).

que privilegiam peles mais claras em detrimento das mais escuras para as sociedades que guardam diferenciações de cor na sua composição racial.

No Brasil, as diferenças de cor ou a possibilidade de transitar entre posições sociais dentro de um cenário racializado, a partir da década de 1940, está constantemente atravessada pela miscigenação. Segundo Maria Sanches (2010), em Salvador durante o período, a cor aliada a boas condições sociais autorizava que grupos não brancos se alocassem sob a ambiguidade do termo pardo, negociando possibilidades no cenário social. Essa possibilidade corroborou com os processos de mitificação e positivação do mestiço, do pardo, processo que se consolidou ao longo dos anos na sociedade brasileira.

A partir disso, observa-se a possibilidade de pensar uma condição racial, que por diferentes motivos, pode mobilizar sentidos variados entre as imagens e percepções que circulam socialmente. Por conseguinte, mobiliza também experiências e relações variadas entre os sujeitos na história. Pessoas “de cor” além de diferentes entre si, são percebidas de forma particular pela sociedade em que está imersa. Para mapear aos procedimentos de distinção, volto-me então aos significados, às ferramentas de produção de sentido.

Didier Fassin (2018), em um ensaio sobre o conceito de racialização, transforma a noção de raça em verbo. Para ele, a raça ultrapassa as atribuições naturais, ela é forjada enquanto processo sócio-histórico de atribuição de sentidos. Trata-se de um conjunto de imagens e crenças que, quando compartilhadas socialmente, implicam em ações, comportamentos, reações e decisões a partir das redes de significado produzidas pela racialização da sociedade. Robert Miles e Malcolm Brown (2003) apontam para o conceito de racialização que institui estruturas de percepção da população mundial, categorizações raciais que delineiam os limites de alocação das pessoas em determinados grupos. Os usos morais dessas categorias estão compostos por interações com outros fenômenos (gênero, classe, idade, conduta), não são estáticos, sendo continuamente mobilizados com fluidez.

Diante disso, pensar racialização envolve estar atento para as redes de significado que circulam na sociedade. As atribuições semânticas que incidiram sobre os homens e mulheres não brancos constituem uma forma de analisar e investigar a materialização das desigualdades brasileiras a partir das suas clivagens raciais. É mais que a experiência ou os costumes. Cabe estar atento para os códigos compartilhados no período histórico, pois é a partir deles que os consensos sobre as hierarquias sociais determinaram as trajetórias e possibilidades da população negra.

A construção imagética/discursiva da raça é analisada no presente artigo através do caso de uma figura importante de Feira de Santana, cidade do interior da Bahia. Aqui, objetiva-se analisar os sentidos raciais que marcaram a trajetória de um mestiço que fez parte dos setores dominantes da cidade e que teve, assim como outros pretos e pardos, sua condição racial marcada por algumas tensões, apesar da posição social.

As tensões que marcaram parte da trajetória do nosso personagem autorizam a observação dos sentidos raciais compartilhados no período, bem como as hierarquias e atribuições morais resultantes destes sentidos. Para observá-las, sigamos alguns dos passos do abastado senhor baiano.

### **O filho do coronel**

O Dr. E. F. da M.<sup>2</sup> era médico, foi prefeito e era filho do coronel A. F. da M., enaltecida figura da classe dominante feirense, firmado na memória da cidade por muitos anos através de bustos, dando o nome a praças e no pomposo casarão da família. Destaca-se o coronel por ter se tornado prestigiosa figura, apesar de não branco. Possivelmente, era filho de escravizados ou libertos vindos para Feira de Santana, da cidade de São Gonçalo dos Campos, ainda no século XIX<sup>3</sup>. Durante a primeira república, o coronel se tornou uma das mais importantes figuras políticas da região e, também, estava entre os mais ricos fazendeiros.

Diante a importância do pai, E. F. da M. colaborou com a manutenção do status da família entre os setores dominantes da Feira. O estadista aparece em vários documentos da cidade. Por exemplo, o caso de um acusado que, diante da necessidade de se demarcar distante da gente de cor que guardava má fama na Feira, citou alguns sujeitos que teriam a legitimidade de ser ouvidos pela justiça e atestar seu bom procedimento (CEDOC/UEFS - E: 03 Cx: 70 Doc: 1270). Entre eles, o doutor E. F. da M., que pode ser considerado um exemplar da classe dominante feirense, preservado entre fotografias, títulos e homenagens mesmo com o “defeito da cor”. Afinal, era o doutor também mestiço.

As origens (possíveis) do pai ressaltam as múltiplas heranças deixadas para os membros da abastada família. Para além da fortuna, das fazendas, do sobrenome e da tradição política, o doutor herdara traços fenotípicos que imediatamente denunciavam ascendentes

---

<sup>2</sup> Os nomes reais foram abreviados para preservar a identidade dos sujeitos.

<sup>3</sup> Sobre o coronel A. F. da M., ver: REIS, 2012.

negros em algum galho – escondido – da árvore genealógica. O que não foi, necessariamente, um problema nas hierarquias sociais estipuladas na Feira. Afinal, pai e filho tornam-se figuras de destaque na história política e econômica da cidade de Feira de Santana.



Figura 1: E. F. da M. Fotografia disponível em: <http://porsimas.blogspot.com/2013/08/salao-nobre-por-onde-anda-galeria.html>. Acessado em: 07/08/2021.

O filho não viveu a mesma trajetória do pai de construção da riqueza. E. F. da M. teve experiência mais próxima aos filhos de fazendeiros que viveram o avanço dos ideais civilizantes sobre a sociedade brasileira. Aqueles que guardaram na tradição bacharelista que se constituía os mecanismos de demarcação social através da educação. Tornar-se doutor foi uma demanda entre os filhos de famílias afortunadas do Brasil durante os séculos XIX e XX<sup>4</sup>. Demanda eficientemente atendida diante das condições econômicas que esses sujeitos dispunham.

Entretanto, os estudos, no caso de E. F. da M., e a circulação em espaços como o curso de medicina pareceram guardar sentidos ainda mais aprofundados que o normalmente compartilhado entre jovens ricos do período. A análise da trajetória do jovem estudante está acompanhada da desconfiança de que dispositivos raciais tenham interferido de alguma forma nas relações e na experiência do sujeito que observamos. Por exemplo, nos cuidados.

---

<sup>4</sup> A literatura brasileira guarda algumas narrativas de estudantes boêmios (ou não) à custa das fortunas dos pais fazendeiros no Brasil do final do século XIX e início do século XX. (ASSIS, 2014; AMADO, 2008)

## Dos cuidados

Nos seus 16 anos foi para Salvador para que se tornar médico. Passou anos na cidade da Bahia hospedado na casa de pessoas de confiança da família. Durante o período de estudos, trocara algumas correspondências com o pai. Já muito estudadas, as correspondências entre o coronel e o filho sugerem a preferência do coronel pelo médico, dentre os outros seis filhos registrados (REIS, 2012). Assim como, a firme e contínua tentativa de controlar a conduta do filho, lembrar-lhe as responsabilidades e projetos que envolviam a manutenção de um status social que exigia o diploma (RODRIGUES, 2016).

Durante sua análise, Aline Rodrigues (2016) ressalta que as intenções do pai e da fotografia<sup>5</sup> se aliam em idealizar uma imagem ativa e senhoril que convive com os traços fenotípicos disfarçados no corte do cabelo, no alinhamento da roupa e no diploma que lhe intitula doutor. Aparentemente, a necessidade da máscara – para lembrar alguns termos do psicanalista martinicano (FANON, 2008) –, ou seja, das ferramentas de composição de uma imagem melhor aceita, despontou também no período de viagem para estudar. Fora frequentemente precavido pelo pai, conhecedor da necessária vigilância.

Espero que [trecho ilegível] acompanhado dos respectivos certificados, estes de forma que possam servir de documentos na Bahia. Neste ponto não quero desculpa, traga todos relativo aos exames prestados. Com suas despesas tem [rasura] feito com que eu vá abusando da bondade do Snr. Isac, sacando sempre contra ele sem direito para isto. Veja que nota deixou ahi pendente de seu comportamento, **lembre-se que o nosso também tem deveres a cumprir perante a sociedade**, portanto queira não seguir os desvios de outros e não leve ninguém para Casa do Snr. Isac, quando tiver de receber fineza d'ele em sua Casa vá sozinho e quando sair d'ahi e chegar na Bahia venha logo para aqui. (Carta enviada por A. F. da M. para E. F. da M. 1906. CEDOC/UEFS; Grifo meu).

O primeiro trecho sugere a preocupação do pai em relação à conduta do filho, especialmente, no que diz respeito aos julgamentos possíveis sobre esse comportamento. Parece-me que o termo destacado insinua a tentativa da A. F da M. (o pai) de atentar ao filho para as necessidades de zelar pelo reconhecimento social, cobra-lhe diligência ante o sobrenome que construiu. As frequentes mobilizações do coronel para integrar-se aos setores dominantes feirenses, através de exibições luxuosas do seu poder aquisitivo, foram ressaltadas por Rodrigues (2016). Sinal de uma necessidade de compensar algo para que pudesse ser

<sup>5</sup> Figura 1: Fotografia disponível em: <<http://porsimas.blogspot.com/2013/08/salao-nobre-por-onde-anda-galeria.html>>. Acessado em: 07/08/2021.

recebido – leia-se, talvez, engolido – pelas elites. Para a autora, eram as origens humildes do coronel que demandavam um “elemento de compensação”. É possível suspeitar que caracteres raciais também estejam envolvidos entre as necessidades de A. F. da M.

É possível demonstrar também que, ao menos no primeiro ano, E. F. da M. atendera as orientações do pai e enviou notas das lições que fez no *Gymnásio Carneiro Ribeiro*, assinados por Ernesto Carneiro, atestando o “ótimo” e “exemplar” procedimento do “alumno” (Notas das lições, 1906, CEDOC/UEFS). Bem verdade que essas fontes guardam armadilhas. Quem sabe se, na adolescência, o estudante não se permitiu selecionar as notas enviadas ao pai? De fato, pouco se pode inferir se a conduta de E. F. da M. de fato respondia a contínuas recomendações. No entanto, o curto cumprimento do período de estudos<sup>6</sup>, somado a eficiente carreira política e a boa relação com o pai durante a vida sugere que, ao menos, o médico aprendera a corresponder às expectativas postas sobre ele, isto é, dispor dos mecanismos de civilidade e etiqueta insistentemente exigidos pelo seu genitor e pela sociedade.

Ainda como estudante, outras cartas sugerem também a atenção do coronel em relação a questões financeiras. Cobra-lhe o filho controle nos gastos e o evitar de luxos (RODRIGUES, 2016). Entre os luxos não estava a “lavagem e goma de roupa” (Carta enviada por A. F. da M. para E. F. da M. 1908, CEDOC/UEFS), o que denota preocupações estéticas do progenitor. Parte do status do ser doutor envolve o estar bem-vestido, compensando de alguma forma quaisquer inconvenientes já existentes – a cor, por exemplo –. Os cuidados se estendem. As cartas chegavam trazendo cada vez mais recomendações:

Peço-lhe me dizer a quantia que lhe precisar para despesa de cada mês para autorizar-lhe a entrega dele ahi **para não ser preciso venha andar em dificuldades** [...]. Também reanimando lhe não aceite almoços nem jantares de pessoas conhecidas nem pagar para ninguém, trate de seus estudos e deixe a companhia de quantos aparecem ahi idos d’aqui. Escreva-me firmando a quantia para suas despesas porque **quero evitar que todo o dia que o Snr. Epiphanio ahi chegue que precise de dinheiro**. Depois de sua conta ordenarei ahi entregar-lhe o dinheiro. (Carta enviada por A. F. da M. para E. F. da M. 1908, CEDOC/UEFS).

Deveria o futuro doutor se atentar às companhias, à conduta, à vestimenta. Não deveria também mostrar necessidades, a aparência não poderia insinuar quaisquer vulnerabilidades. As preocupações do pai não pareciam ser financeiras, tanto por conta do amplo patrimônio, quanto pela disponibilidade para enviar o dinheiro que está presente em

---

<sup>6</sup> Wagner Reis aponta que E. F. da M. cumpriu o curso de medicina entre os anos de 1907 e 1912, seis anos; outro filho de um rico coronel fez o mesmo curso entre os anos 1905 e 1916, total de onze anos (REIS, 2012).

quase todas as cartas. Ainda assim, as vigilâncias sobre o comportamento de E. F. da M. parecem demasiado intensas.

Os cuidados com o jovem médico pardo careciam de alguma explicação. Para Rodrigues (2016), refletiam as preferências do pai. Partindo da desconfiança de que é possível identificar sentidos raciais interferindo nas experiências de uma pessoa de cor, alguns recursos teóricos foram testados como possibilidades explicativas da juventude vigiada do doutor.

### **A racialização como instrumento explicativo**

Para adotar a racialização como instrumento de explicação deve-se partir de alguns pressupostos: primeiro, reconhecer a raça enquanto possível conceito estruturador do pensamento social, portanto, entendê-la enquanto elemento que se capilariza pelas trajetórias dos sujeitos na história; segundo, perguntar pelas relações de poder que atravessavam, influenciavam, motivavam o excesso de cuidado e de recomendações do pai. A partir disso, as tensões raciais são consideradas aqui entre as razões que afetaram as preocupações do pai, bem como, mesmo com o “defeito da cor”, os êxitos profissionais do filho.

Retomando o final do século XIX e início do XX, Wlamyra Albuquerque (2015, p. 88) investigou episódios protagonizados por Teodoro Sampaio para demonstrar como “homens de cor” interpretaram a “gramática política que os forjaram como sujeito no pós-abolição” na capital baiana. Ela aponta como marcadores raciais em oposição à titulação de engenheiro e alianças políticas atravessaram experiências de preconceito e enfrentamento por parte de Teodoro Sampaio, engenheiro negro. É importante ressaltar que os anos aos quais a historiadora se volta para dizer dos preconceitos raciais sofridos pelo engenheiro foram os mesmos em que o jovem filho do coronel estava em Salvador estudando medicina, e recebendo todas as recomendações registradas nas cartas.

Ainda dialogando com os pressupostos de Albuquerque (2015), considera-se também o caráter dissimulado do funcionamento do racismo brasileiro. Omitir a condição racial de uma família rica de uma cidade interiorana foi, provavelmente, uma missão levada a sério pelos membros dessa família. Procedimento possível para o período, considerando a ratificação da ideologia da mestiçagem nos anos 1940 e a autoridade que dispunham.

Diante disso, aspectos raciais podem servir de explicação para os excessos na demonstração do poder financeiro do coronel, como citados por Rodrigues. Assim como

também são pertinentes para explicar os esforços e investimentos do coronel para a instrução pública do início do século, conforme argumentou Reis<sup>7</sup>. E, sobretudo, para o comportamento rigoroso e vigilante em relação à conduta do filho que vai viver na cidade da Bahia.

Entretanto, há mais do que isso. Ao entender E. F. da M. como sujeito não branco, emergem outras possibilidades de existência, experiência. Cabe visualizar o político nas variações e gradações possíveis da condição de negro e as implicações morais e sociais disso.

### **Além do negro, a ambivalência do mestiço**

Enquanto mestiço, E. F. da M. guardava, ao mesmo tempo, possibilidades múltiplas e ambivalentes de leitura social. A cautela exigida pelo pai diante da sociedade soteropolitana, aparentemente, não se mostrava tão necessária nos anos 1940, quando assumiu a prefeitura de Feira de Santana, ou nos anos 1950, quando já era dono de um periódico na cidade. Tal como o pai, o ex-prefeito foi um importante expoente político da cidade, fundador do PSD feirense e possuidor de notoriedade na sociedade, como demonstrado pelo *habeas corpus* do caso de D. V. já citado (CEDOC/UEFS. - E: 03 Cx: 70 Doc: 1270).

Materialmente privilegiado, mostrava-se quase branco diante a massa de tabaréus que compunha o eleitorado feirense, devido ao prestígio de que dispunha nos anos 1940 e 1950. Todavia, entre as nuances estereotípicas que afetam os corpos não brancos está a ambivalência dos dispositivos de poder que incorporam ou interditam determinados corpos do cenário social.

A trajetória de E. F. da M. autoriza uma primeira demonstração da mímica do sujeito colonial. Para Homi Bhabha, é a mímica a estratégia mais artilosa e eficaz do poder e do saber colonial. A mímica é o desejo de mudar, de aproximar-se do estereótipo dominante, “como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente” (BHABHA, 2013, p. 130). Como mestiço que é quase branco, mas só quase.

Essa construção ambivalente dos sujeitos que transitam entre as designações dominantes, contudo sempre limitados a um referente que não podem atingir, situa a identidade desses grupos constituída sob um regime contínuo de interdição. Ser mestiço, portanto transeunte das hierarquias raciais, é uma possibilidade de negociação e concessão

---

<sup>7</sup> Reis argumenta que, possivelmente, a experiência do coronel enquanto “jovem de cor” que teve suas possibilidades de ascensão oportunizadas pela educação foram um motivador para que, quando intendente municipal, A. F. da M. investisse intensamente na educação pública e popular. Sobre isso, ver: REIS, 2012.

nos estratos raciais, como é também uma construção identitária continuamente interdita, logo vulnerável às imposições, violações e apagamentos dominantes. O abastado mestiço, por exemplo, sentira sua vulnerabilidade.

Era membro honorário, nato e hereditário da classe dominante feirense, gozando dos privilégios das hierarquias raciais e de classe, experimentando uma mestiçagem quase imperceptível, muito bem dissimulada pelas fazendas e pelo título. O marcador da diferença, a condição de quase branco – só quase! –, costumeiramente manifestado de forma sorrateira, certa feita foi publicamente expressada, deixou registros, para alegria geral dos historiadores.

Era 1960, a cidade ainda vivenciava faíscas produzidas por intensas disputas políticas que atravessaram as décadas de 1940 e 1950 (LINS, 2014). Hugo Navarro, udenista e dono do jornal *Folha do Norte*, de Feira de Santana, há tempos se mostrara inspirado a maldizer e deslustrar E. F. da M., líder pessedista, e aqueles que escreviam em seu jornal, o *Gazeta do povo*, também da mesma cidade. Em diferentes aspectos, várias edições do semanário trouxeram palavras de Navarro esforçadas em macular quaisquer heranças políticas que o opulento sobrenome pudesse ter deixado. A cada nova edição, manchetes de letras gordas marretavam alcunhas. Não demorou para que o “defeito da cor” aparecesse.

[...] a inconseqüência, a heterogeneidade, a desarticulação, o descosimento, a incoerência, o desconjuntamento dos *gazeteiros* nada mais é do que retrato fiel, a própria cara do Dr. Fróes, cuja cor ninguém pode, até hoje, de são consciência, afirmar qual seja. Semelhante a um grande camaleão, possuidor de mimetismo nunca visto, o Dr. Fróes às vezes parece ter a coloração amarela-escura dos malaios, aparecendo em outras ocasiões, com o colorido dos cafuzos, apreciadíssimos, em certa fase da História do Brasil, por suas extraordinárias qualidades de rastejadores de pretos fugidos, surgindo, ainda, o Dr. Fróes, em certas oportunidades, com o matiz característico do caboclo nordestino, assim como um Luiz Gonzaga sem sanfona e sem nenhuma simpatia, para saltar, alhures, preto, pretinho como Pelé, o mago da pelota, ou como o próprio Diabo, que é negro como o carvão [...] (SILVA, 1960)

A habilidade camaleônica atribuída ao Dr. E. F. da M. se refere a inferioridades raciais expressadas, apenas, diante da necessidade de desqualificá-lo. Enuncia a condição de pardo, um balaio de sentidos posicionalmente disponibilizados. Os afrontes não negam a notoriedade ou autoridade do fazendeiro, mas propõem os limites raciais de ocupação dos locais de privilégio, os “limites da máscara”. Expõem, continuamente, os arquivos que alimentam os estereótipos de forma que a mímica, enquanto estratégia das identidades diaspóricas, constitui alternativa continuamente vulnerável, autorizada somente para alguns poucos.

Na mesma página, as referências continuaram. Agora quem assina o texto é Rossini, atacando mais uma vez o médico com insultos marcadamente raciais. Dessa vez, contando uma pequena narrativa sobre um tal “Negro da Ilha”:

Alta noite, ouviam-se os cânticos frenéticos do candombe e sentia-se o cheiro forte do enxofre. Parecia que se reuniam naquele casarão as mais maquiavélicas entidades ligadas a Satã. [...] Era uma vez um homem maldoso, de tez escura, que vivia em um lugar chamado Pinguínia. Possuía o mesmo, além de várias propriedades espalhadas por todo o povoado, e fazendas em outras localidades, um belo palacete [...] O transeunte que passasse, porventura, por ali, altas horas da noite, sentia arrepios, ficava assombrado, ouvia sons estranhos originários daquela mansão e saía dali em desabalada carreira, completamente apavorado. [...] resolveu certo dia, o infeliz homem-fantasma, malungo do sobrenatural, conquistar a simpatia dos habitantes do lugar. O famigerado “Negro da Ilha”, através de promessas demagógicas, obteve a confiança [...]. Como afirma o velho adágio, “o dinheiro compra tudo”. O homem-feiticeiro conseguiu o que queria. (ROSSINI, 1960)

Apesar de, vez em quando, ter sido frequentado por alguns membros da elite feirense (OLIVEIRA, 2010), sendo inclusive defendido nas páginas do próprio jornal *Folha do Norte* pelo poeta Aloísio Resende (SANTOS, 2009), o candomblé não deixa de ser um vetor de inferiorização que atravessam os arquivamentos sobre negros e negras nos anos 1940. Rossini retoma o “candombe” como artifício de depreciação do ex-prefeito. Para além da cor, múltiplos dispositivos de racialidade<sup>8</sup> são mobilizados na ratificação do estereótipo, ainda que o personagem em questão tenha sido, desde adolescente, insistentemente disciplinado.

Mais de uma vez a mímica dos mestiços se mostrou vulnerável. Por isso, a vigilância é continuamente ratificada. Se os marcadores da cor poderiam afetar E. F. da M., representante da classe dominante feirense, imaginemos aqueles e aquelas que não dispõem de tal privilégio. Constrói-se, assim, aos poucos, um consenso histórico de que se deve negar a condição racial contínua e repetidamente quando pertence aos “homens de cor”, uma vez que pertencer esse grupo significa compartilhar dos sentidos de subordinação atribuídos à posição. Consenso que reflete na rejeição contínua dos referentes culturais associados à população negra do Brasil.

---

<sup>8</sup> Mecanismos que autorizam distinções sociais a partir da conformação de saberes, poderes e modos de subjetivação que incidem sobre os corpos enquanto depositários de sentidos raciais transpassados por relações de poder. CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2005.

## Considerações finais

A trajetória do doutor sinaliza para movimentos de designação e inferiorização racial posicionais, variantes conforme a condição social e as possibilidades miméticas gestadas pelos privilégios materiais do caso estudado. A análise das fontes citadas, além de permitir algumas considerações sobre as especificidades do cenário racial brasileiro, também alimenta as possibilidades de investigação da racialização no Brasil a partir dos significados, dos sentidos discursivos depositados sobre os corpos das pessoas negras, mobilizando vetores de poder que instituem regimes de exclusão, silenciamento, violação.

A experiência do doutor é, entre outras coisas, resultado dos sentidos raciais que a sociedade brasileira do período compartilhava e reproduzia. Analisar sua trajetória, uma fração dela, suscita a provocação como os mesmos sentidos são posicionados diante de outros corpos de pretos e pardos que ocuparam posições sociais distintas. A variação de uma experiência racial não branca é entendida aqui como reflexo do caráter posicional dos significados raciais compartilhados pela sociedade. A partir disso, ferramentas de hierarquização moral de brancos e pretos são reconhecidos nos seus efeitos de poder sobre a existência desses sujeitos.

A trajetória de E. F. da M. aponta para os sentidos hierárquicos nos quais a raça se manifesta: na religiosidade, na mímica, na negação, no comportamento, na estética. Perguntar pelos sentidos raciais autoriza compreender as hierarquias e redes de poder mobilizadas pela racialização, as imagens alimentadas nesse processo e as imagens de subordinação e inferiorização atribuídas a pessoas negras conforme critérios raciais. Elementos que influenciam as decisões, experiências, costumes, existências dessas pessoas.

## Fontes

Figura 1: E. F. da M. Fotografia. Disponível em: <<http://porsimas.blogspot.com/2013/08/salao-nobre-por-onde-anda-galeria.html>>. Acesso em: 07/08/2021.

Carta enviada por A. F. da M. para E. F. da M.. Feira de Santana, 20 de Janeiro de 1906. Cartas digitalizadas em acervo pessoal. Grifo meu.

Notas das lições, do procedimento, aproveitamento e das faltas do aluno E. F. da M.. Gymnasio Carneiro Ribeiro, 1906. Material digitalizado em acervo pessoal.

Carta enviada por A. F. da M. para E. F. da M.. Feira de Santana, 02 de Maio de 1908. Cartas digitalizadas em acervo pessoal.

Carta enviada por A. F. da M. para E. F. da M.. Feira de Santana, 05 de Maio de 1908. Cartas digitalizadas em acervo pessoal. Grifo meu.

Habeas Corpus. Paciente, Daniel Vidal dos Santos. 1944. **Processo Crime: Violação de Domínio, Dano e Lesão Corporal Grave**. E: 03 Cx: 70 Doc: 1270. CEDOC/UEFS.

ROSSINI, O negro da ilha. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 03 de Dezembro de 1960, nº 2682. MCS/CENEF.

SILVA, Hugo. O grande camaleão. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 03 de Dezembro de 1960, nº. 2682. MCS/CENEF.

### Referências

AMADO, Jorge. **Tocaia Grande: A face obscura**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. Teodoro Sampaio e Rui Barbosa no tabuleiro da política: estratégias e alianças de homens de cor (1880-1919). **Revista Brasileira de História** [online]. vol.35, n.69, pp.83-99, 2015

ASSIS, Machado de. **Memória Póstumas de Braz Cubas**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2005.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008

FASSIN, Didier. Nem raça, nem racismo: o que racializar significa. In.: **Emancipação, Inclusão e Exclusão: Desafios do passado e do presente**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

LINS, Rafael Quintela Alves. **A cidade ferve e o bicho espreita: os dominantes e a política em Feira de Santana (1945-1964)**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2014.

MILES, Robert; BROWN, Malcolm. **Racism**. New York: Routledge, 2003.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **“Adeptos da mandinga”: Candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana, 1938 – 1970)**. Tese de

doutorado. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudo Étnicos e Africanos. Salvador, 2010.

REIS, Wagner Alves. **Agostinho Fróes da Motta: Trajetórias e Conquistas de um “homem de cor” em Feira de Santana (1856-1922)**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Programa de Pós-Graduação em História. Feira de Santana, 2012.

RODRIGUES, Aline Laurindo. **Os ilustres réus da cidade: A família Fróes da Motta em Feira de Santana (1906 – 1927)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe (UFS). Programa de Pós-Graduação em História. São Cristóvão, 2016.

SANCHES; Maria Aparecida Prazeres. **As Razões do coração: namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo-afetivas em Salvador, 1889/1950**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2010.

SANTOS, Denilson Lima. **Nas rodas da macumba: os poemas de Aloísio Resende sob o signo da ancestralidade**. Dissertação de mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Feira de Santana: UEFS, 2009.

XAVIER, Giovana. **Branças de almas negras? Beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890 – 1930)**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2012.